



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

“O QUE ELE ADMIRA É A DITADURA”: DISCURSO DA MÍDIA SOBRE O PROGRAMA “MAIS MÉDICOS” NO BRASIL

Karla Amorim Sancho¹

Fabiano Tonaco Borges²

Resumo: Este trabalho analisa a construção discursiva dos estereótipos imbricados na discussão sobre o Programa “Mais Médicos” (PMM) no Brasil, com foco na discriminação dos médicos cubanos. Com base na teoria da Análise de Discurso, filiada às pesquisas que têm como principal autor Michel Pêcheux. O *corpus* da pesquisa é composto por textos veiculados nos meios de comunicação brasileiros em torno da polêmica discussão com repercussão significativa a partir de 2013, quando foi sancionada a Lei 12.871, que instituiu o Programa Federal “Mais Médicos”, que tem como um de seus objetivos contratar médicos para atuarem em cidades com carência no serviço básico de saúde. O enunciado que provoca as análises foi escrito por jornalistas da Revista Veja numa reportagem intitulada: “O que Ele Admira é a Ditadura”.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Programa Mais Médicos; Ditadura.

Resumen: Este trabajo analiza la construcción discursiva de los estereotipos imbricadas en la discusión sobre el Programa “Mais Médicos” (PMM) en el Brasil, con foco en la discriminación de los médicos cubanos. Con base en la teoría del Análisis del Discurso, asociada a las investigaciones que tienen como principal autor Michel Pêcheux. El *corpus* de la investigación es compuesto por textos publicados en los medios de comunicación brasileiros en relación de la polémica discusión con repercusión significativa a partir de 2013, cuando fue sancionada la Ley 12.871, que instituyó el Programa Federal “Mais Médicos”, que tiene como uno de sus objetivos contratar médicos para actuar en ciudades con carencia de profesionales en los servicios de Atención Básica de salud. El enunciado que provoca los análisis fue escrito por periodistas de la Revista Veja en un reportaje intitulado: “Lo que Él Admira es la Dictadura”.

Palabras-clave: Análisis del Discurso; Programa Mais Médicos; Dictadura.

¹ Doutoranda em Saúde Coletiva/ FCM-Unicamp. E-mail para contato: karlamorim@yahoo.com.br

² Professor do Departamento de Planejamento em Saúde do Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail para contato: fabianotonaco@yahoo.com.br



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

Este trabalho analisa a construção discursiva dos estereótipos imbricados na discussão sobre o Programa “Mais Médicos” (PMM) no Brasil, com foco na discriminação dos médicos cubanos. Com base na teoria da Análise de Discurso, filiada às pesquisas que têm como principal autor Michel Pêcheux. O *corpus* da pesquisa é composto por textos veiculados nos meios de comunicação brasileiros em torno da polêmica discussão com repercussão significativa a partir de 2013, quando foi sancionada a Lei 12.871, que instituiu o Programa Federal “Mais Médicos”, que tem como um de seus objetivos contratar médicos para atuarem em cidades com carência no serviço básico de saúde. O enunciado que provoca as análises foi escrito por jornalistas da Revista Veja numa reportagem intitulada: “O que Ele Admira é a Ditadura”. Perguntamo-nos sobre como são construídos historicamente os sentidos para a designação “ditadura”, percorrendo redes de memórias em que trabalhadores – aqui, particularmente os médicos cubanos – são significados nos discursos da escravidão e do colonialismo, do socialismo e da construção da identidade nacional no mito da democracia. Considerando que a luta ideológica se dá também no terreno da linguagem, disputando sentidos e produzindo regimes de estabilidade, analisamos também os deslocamentos e equívocos que afetam essa designação nas condições atuais de produção e circulação dos discursos sobre o PMM no espaço público e político brasileiro.

Na edição da Revista Veja do dia 4 de setembro de 2013, os jornalistas Leonardo Coutinho e Duda Teixeira afirmaram que o Programa “[...] teve como principal objetivo alavancar a candidatura do então Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, ao governo de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Ele que não trouxe apenas médicos cubanos; importou com eles a ditadura dos irmãos Castro [...] os cubanos servirão à ditadura de Havana, não ao Brasil” (p. 67, op. cit.). Um dos objetivos do referido Programa é o de contratar médicos para atuarem em cidades com carência no serviço básico de saúde. Por isso o país recebeu, no início do PMM, cerca de 4 mil médicos cubanos.

Trataremos a aparição deste enunciado na Revista Veja e a polêmica que ele ocasionou como um *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1983), que atualiza e desloca sentidos em uma rede de memórias. No quadro da Análise de Discurso que tem como principal autor o teórico marxista francês Pêcheux, discutiremos a emergência e circulação



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

desse enunciado e da designação “ditadura”, descrevendo as filiações de sentido em que se inscrevem e os deslocamentos e contradições ideológicos produzidos pela sua enunciação a partir de diferentes posições discursivas.

Caracterizaremos brevemente a perspectiva da Revista Veja, tecendo algumas considerações que julgamos mais relevantes para compreender o posicionamento político-ideológico da Revista.

Perspectiva da política editorial da Revista Veja: um bastião anticomunista no Brasil?

Realizamos uma visita ao perfil da Revista Veja na Wikipédia para contextualizarmos as referências feitas ao periódico semanal. A Revista teve sua primeira edição no dia 11 de setembro de 1968, durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) no governo de Artur Costa e Silva (1967-1969).

A primeira edição da Veja trouxe como matéria de capa (figuras 1) a seguinte chamada: ‘O Grande Duelo no Mundo Comunista’. Fizemos a leitura da matéria, que está disponível no acervo digital da revista, e percebemos que os sentidos se estabilizam na direção de uma cisão e enfraquecimento do bloco Comunista, principalmente na Europa, com a seguinte manchete: “Rebelião na Galáxia Vermelha” (VEJA; 1868 pg. 86).



Figura 1. Capa da 1ª Edição da Revista Veja: O Grande Duelo no Mundo Comunista, de 11 de setembro de 1968.

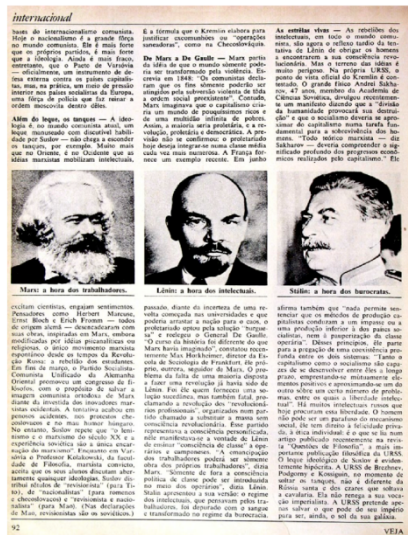


Figura 2. Interior da matéria sobre a Rebelião na Galácia Vermelha, como fotos de Marx, Lênin e Stálin.³

Para confirmar essa ideia, a matéria citava os Estados Unidos como uma potência em franco progresso, na seguinte passagem: “A URSS, por exemplo, progride, mas num ritmo muito inferior ao Japão; seu progresso se aproxima ao dos EUA – que significa que os americanos, que partiram na frente, se distanciam cada vez mais” (VEJA, 1968). Foram exploradas também as contradições entre os diferentes momentos do socialismo fazendo referência à Marx, Lênin e Stálin (figura 2). A matéria fez alusão a Cuba como “[...] um meteoro comunista gravitando na América Central”.

No seu perfil na Wikipédia seus editores descrevem a revista em duas fases: na primeira, desde sua fundação, é caracterizada por eles como um periódico de centro-esquerda; num segundo período, a partir de 1990, há uma mudança de posicionamento mediante tendências de centro-direita, fundadas no liberalismo econômico, com um migração nos anos 2000 para posições de extrema direita. Isso pode ser exemplificado pelo fato de que a Revista defendeu o **Não** no referendo para o desarmamento, ocorrido no Brasil em 2005.

³ **Fonte:** Acervo digital da Revista Veja, disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acessado em: 30 ago. 2015.

Material analisado neste trabalho



Figura 3. Chamada de Capa da Matéria com a foto do ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha, Revista Veja, Edição 2337, de 04 de setembro de 2013.

Carta ao Leitor

Nenhum médico é uma ilha

Vieram 400. Em breve serão 4.000. Vítimas do totalitarismo em seu país, os médicos cubanos deveriam estar desembarcando no Brasil, uma nação democrática, com a sensação de alívio de quem, enfim, conquistou a liberdade. Mas não. Muitos chegaram de cara amarrada pela vala recebida nos aeroportos. O Brasil precisa de mais médicos? Precisa.

Do que o país não precisa e o que não pode permitir é que cada um dos 4.000 cidadãos cubanos viva aqui em uma zona de exclusão das leis brasileiras e continue sob o tacão do regime de Cuba. O Brasil em breve terá 4.000 ilhas totalitárias onde as leis do país não têm valor.

Nem o pior inimigo externo brasileiro poderia conceber um plano mais eficiente de desmoralização da soberania nacional. Mas esse plano foi concebido aqui mesmo pelo próprio governo. Um estrangeiro residente no Brasil tem de viver de acordo com as leis locais. O fato de um alemão poder guiar a 180 quilômetros por hora sem ser multado em estradas do seu país não lhe dá o direito de esperar igual tratamento no Brasil. Aqui ele tem de respeitar os limites máximos de velocidade impostos pelas regras brasileiras de trânsito. Um chinês que abre uma empresa aqui tem de contratar empregados de acordo com a legislação trabalhista brasileira. Isso é óbvio. Por

que razão os médicos cubanos podem viver e exercer a profissão no Brasil obedecendo às leis cubanas? Essa situação é juridicamente insustentável e, pelo fato de Cuba ser uma ditadura, moralmente condenável.

Digamos que um médico cubano decida abandonar o programa, casar-se com uma brasileira, ter filhos e fixar residência no Brasil, o que acontece? Ele seria imediatamente extraditado para Cuba, é o que afirmam com todas as letras Alexandre Padilha, ministro da Saúde, um dos arquitetos do plano, e Gilberto Carvalho, secretário-geral da Presidência da República. É urgente lembrar a suas excelências que, para ser extraditado do Brasil, um cidadão estrangeiro precisa, antes de mais nada, ter cometido um crime. Casar-se, ter filhos e mudar de país não constitui crime pelas leis brasileiras. Se constitui crime em Cuba, isso é problema da ditadura castrista. Resta evidente que nada aconteceria a um médico espanhol, português, suíço, canadense, pouco importa, que se encontrasse no Brasil na mesma situação. Ou seja, a esses outros estrangeiros aplica-se a lei brasileira. Mas, para os cubanos no Brasil, vale a lei cubana. É acinicosos.

Se já é vergonhoso e ilegal obrigar os profissionais de saúde cubanos a entregar mais da metade dos seus ganhos a ditadura militar de Havana, prendê-los e devolvê-los à força seria uma violação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Basta um pouco de memória jurídica para entender a monstruosidade da decisão do governo do PT. O caso Dred Scott, de 1857, considerado o mais infame da história da Suprema Corte dos Estados Unidos, ilustra bem esse ponto. Scott foi de um estado onde a escravidão era legal para outro onde os negros eram livres. A Suprema Corte decidiu que Scott continuava escravo, mesmo vivendo em um território onde, pela lei local, seria um homem livre. Isso foi antes de Abraham Lincoln e do fim da escravidão nos Estados Unidos. A mancha moral permanece. Podendo conceder a cada um dos médicos cubanos a graça de "uma vez livre, sempre livre", os petistas optaram por impor a eles a desonra de "uma vez escravo, sempre escravo". Essa mancha também é indelével.



Figura 4. Editorial da Revista Veja, Edição 2337, de 04 de setembro de 2013



Figura 5. Foto do Ministro e introdução da reportagem, Revista Veja, Edição 2337, de 04 de setembro de 2013.

Acontecimentos discursivos

Pêcheux (1983:17) define o *acontecimento discursivo* como o “[...] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. É um elemento histórico descontínuo e exterior que afeta a memória produzindo ruptura e deslocamentos. Assim, pelo funcionamento da memória no acontecimento discursivo, os sentidos produzidos ao mesmo tempo repetem e deslocam o já-dito, produzindo uma projeção e um retorno dos processos discursivos sobre si mesmos, reconfigurando e desestabilizando as séries de repetição, dando lugar a novas interpretações.

Consideramos a instituição do PMM por meio da Lei 12.871 como um acontecimento discursivo que afeta a rede de memórias dos discursos escravagista, da colonização, da ditadura e da democracia, dando lugar a tomadas de posição e deslocamentos ideológicos, tanto por parte de outros meios de comunicação com ideologias distintas daquela constituinte



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

da matéria da Revista Veja, quanto das posições representadas massivamente na mídia conservadora – da qual a referida Revista é representante neste trabalho. A polêmica em torno da aprovação da lei e sua análise tomariam mais espaço do que o disponível neste artigo – porém, a matéria da Revista nos oferece um objeto discursivo paradoxal, cujos equívocos e contradições condensam de forma emblemática a luta social e política pelo sentido.

Trazemos a seguir alguns recortes da matéria veiculada pela Veja com enunciados dos referidos jornalistas, que tomamos como ponto de partida para a análise:

“O socialismo não funciona. O que funciona é a ditadura. A cubanização do Brasil iniciada pela importação de médicos é prova disso. **Eles são confinados e obedecem apenas a Havana**” (p. 67, op. cit., grifos nossos). Neste recorte, a assertiva em relação à falência do socialismo (não funciona) é seguida pela afirmação da efetividade da ditadura (o que funciona é...). Há uma relação de substituição do socialismo pela ditadura. Na sequência é apresentada uma evidência: “a cubanização do Brasil [...] é prova disso”. A palavra “cubanização” é um neologismo, formado pelo processo de derivação (adição do sufixo): cuba + nização= transformação do Brasil em Cuba (que, na lógica do enunciado, implicaria na assimilação da ditadura/do socialismo pelo Brasil, que se tornaria “uma outra Cuba”). O caráter de imposição que constitui a ditadura é reforçado na frase que vem na sequência: “Eles [os médicos cubanos] são confinados e obedecem apenas a Havana”. Começa a ser estabelecida uma relação de analogia à escravidão: “ser confinado” e “obedecer” são atitudes que remetem à escravidão. “Havana” é palavra repetidamente retomada, significando a sede do poder administrativo – e referenciado como ditatorial, na reportagem – de Cuba, como verificaremos nos demais recortes.

“Na semana passada, 400 médicos cubanos chegaram ao Brasil, mas **não puderam celebrar a saída da ilha [de Cuba] nem desfrutar a plena liberdade concedida pela nossa democracia** [...]. Ficaram aquartelados em instalações das Forças Armadas, pois ainda **são vigiados de perto pelo regime de Havana**” (idem, op. cit., grifos nossos). Aqui, há contraposição entre os termos “plena liberdade concedida pela nossa democracia” e “são vigiados de perto pelo regime de Havana”. A ideia norteadora é a de que no Brasil há a democracia, na qual os cidadãos gozam de plena liberdade, enquanto em Cuba, são vigiados pelo regime de Havana. Em relação ao recorte seguinte há uma contradição: enquanto acima



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

há a afirmação de que os cubanos deveriam ter o direito de “desfrutar a plena liberdade concedida por nossa democracia”, a afirmação do recorte seguinte é a de que eles deveriam obedecer “a lei brasileira”, que é colocada em oposição à “ditadura cubana: “Até o fim deste ano, haverá no Brasil 4000 médicos cubanos vivendo com 4000 **pequenas ilhas de totalitarismo onde a lei brasileira não tem valor**. [...]. O programa em si é bem vindo. **A saúde é um dos maiores problemas brasileiros [...]. Esse problema, porém, não pode encobrir outro maior: os cubanos servirão à ditadura de Havana, não ao Brasil**” (ibidem, op. cit., grifos nossos). Neste recorte manifestam-se os receios em relação à vinda de médicos cubanos ao Brasil para trabalharem no PMM nestes termos: o totalitarismo que caracteriza Cuba representa uma ameaça à lei brasileira e isso constitui o maior problema brasileiro, maior até do que os problemas com a saúde.

Neste recorte é evidenciada a vinculação das ideias “ditadura” e “escravidão”: “Na última segunda-feira, **79 cubanos foram vaiados e chamados de “escravos”** por médicos do Ceará [...]. **Os cubanos são vítimas de uma ditadura** e vieram para cá em missão oficial” (p. 68, op. cit., grifos nossos). Em relação ao recorte posterior, há uma outra contradição: enquanto aqui os médicos cubanos são meras “vítimas de uma ditadura”, na sequência já assumem a condição de disseminar a ideologia e a perspectiva política de Cuba, o que é evidenciado na expressão “querem é gerar divisas para o governo cubano”, conforme se pode verificar: “**Nenhum deles chega sem preparação ideológica e política**. A retórica mascarada é a mesma: **falam em colaborar com a saúde e ajudar os países irmãos, mas o que querem é gerar divisas para o governo cubano**. Nunca aparecem em público e trabalham com discrição”, avalia o cientista político Omar Noria, da Universidade Simón Bolívar. “No Brasil, será a mesma receita, a mesma história” (ibidem, op. cit., grifos nossos).

Discutiremos, a seguir, os efeitos de sentido em torno do enunciado que motiva nossa reflexão, perguntando-nos: Como essa palavra se inscreve nos sentidos trabalhados pelos discursos da “democracia” sustentados nas memórias dos discursos escravagista e da colonização, que dissimulam o estereótipo do socialismo e que organiza hipocritamente as relações sociais no país? Que outros sentidos disputam a significação da palavra “ditadura” hoje no Brasil?



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Socialismo x Ditadura ou Socialismo = Ditadura?

Voltemos, então, a nosso enunciado. Em seu funcionamento a expressão “O que Ele Admira é a Ditadura” faz referência explícita a palavra “ditadura”, que no Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa é definida como: “[...] forma de governo em que todos os poderes se enfeixam nas mãos dum indivíduo, grupo, partido ou classe” (p. 191, op. cit.). Assim, a expressão aludiria a um regime totalitário, baseado na imposição e exploração. Conforme a análise dos recortes acima, a Revista estabelece gradualmente uma equivalência de sentido entre “ditadura” e “socialismo”, em Cuba. Porém, a palavra “socialismo”, no mesmo Minidicionário é assim significada: “conjunto de doutrinas que se propõem promover o bem comum pela transformação da sociedade e das relações entre as classes sociais, mediante a alteração do regime de propriedade” (pág. 509, idem). No que se refere estritamente ao campo semântico, a palavra “ditadura” e a palavra “socialismo” estabelecem uma relação de oposição, não de equivalência.

Há marcas na materialidade do texto que identificam/caracterizam a ditadura e o socialismo de forma equivalente; haveria “vítimas da ditadura” equivalentes a “escravos”, o que permitiria identificar socialmente os sujeitos, atribuindo-lhes um lugar definido nas relações de classe. Temos assim um deslizamento de sentido que leva do socialismo, significado historicamente em Cuba (O socialismo não funciona) ao equivalente, socialmente significado no Brasil (O que funciona é a ditadura). A força da expressão se dá a partir de seu funcionamento por *efeito de pré-construído*, ou seja, por ser apresentada no enunciado como um elemento que remete a “[...] uma construção anterior, exterior e independente”, produzindo o efeito de evidência do que “[...] todo mundo sabe” e do que “[...] todo mundo vê”. (PÊCHEUX, 1975).

O efeito de pré-construído se deve em grande parte ao que é veiculado pelos meios de comunicação brasileiros: que o regime socialista cubano sofre duras críticas da comunidade internacional e de sua população. Ainda que seja reconhecido que Cuba tenha obtido sucesso em aspectos sociais: eliminando o analfabetismo, implementando um sistema de saúde pública universal, diminuindo significativamente as taxas de mortalidade infantil e reduzindo o índice de desemprego; há objeções, feitas na perspectiva capitalista: no campo político, em relação ao regime comunista e monopartidário, apontado por muitos como um regime



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

ditatorial, também no campo econômico e agrário – Cuba não diversificou sua agricultura e suas indústrias não se desenvolveram – por fim são criticadas também a política externa e liberdades individuais de seu povo, fatos divulgados amplamente pela mídia⁴.

A evidência desses sentidos para significar o socialismo já é resultado do funcionamento ideológico, ou seja, da construção histórica de um regime de governo estereotipado negativamente, que surge da imbricação de traços do econômico (capitalismo x socialismo) e do político (democracia x ditadura).

A publicação da reportagem que analisamos gerou polêmicas entre os meios de comunicação. Os jornais “Carta Maior” e “Hora do Povo” assumiram uma perspectiva diversa daquela da Revista Veja. Trazemos recortes que exemplificam esse posicionamento dos referidos jornais.

A coluna intitulada: “Mais Médicos, o Corporativismo da Classe e a Corrupção”, foi publicada na edição de 14 de outubro de 2013 do Jornal Carta Maior⁵ e foi escrita pelo colunista Luiz Alberto Gómez de Sousa, começa assim: Alguns casos concretos são mais eloquentes do que denúncias gerais. Lemos na imprensa que um médico cubano, negro, foi recebido em Fortaleza pelos colegas de profissão aos gritos de “escravo”. Ele foi atender uma comunidade de índios e escreveu em sua camisa: “Eu sou escravo da saúde”. Ainda não tem a licença para clinicar. As associações estaduais de medicina buscam pretextos e reclamam, por exemplo, da falta de um carimbo da embaixada brasileira do país de origem. Tudo vale como desculpa para minar o programa”. Conclui da seguinte maneira: “Quis juntar os dois temas, Mais Médicos e corrupção, para que se possam ver interesses ocultos, preconceitos arraigados e o esforço governamental para enfrentar os problemas, coisa que nem a direita, nem uma ultraesquerda querem admitir”.

A reportagem: “Guarulhos recebe equipe de cubanos do Programa Mais Médicos” foi publicada no Jornal Hora do Povo em 11 de novembro de 2013⁶. Trazia os seguintes dizeres: “A chegada de mais 17 profissionais do programa Mais Médicos, do governo federal, foi

⁴ Conforme informações disponíveis no site: <<http://www.cuba.com.br/sobre-cuba/historia-de-cuba>>. Acessado em: 30 ago. 2015.

⁵ Disponível em: <http://cartamaior.com.br/colunaImprimir.cfm?cm_conteudo_idioma_id=29185>. Acessado em: 30 ago. 2015.

⁶ Disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2013/11Nov/3202-08-11-2013/P4/pag4e.htm>>. Acessado em: 30 ago. 2015.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

comemorada na cidade de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. Todos de Cuba, os médicos que ampliarão e reforçarão o atendimento nas Unidades Básicas de Saúde do município, formarão uma equipe de 19 médicos liberados pelo programa. Na tarde da última quinta-feira, eles foram recebidos pelo prefeito, Sebastião Almeida, e pelo secretário de Saúde, Carlos Derman, em uma solenidade no auditório da Secretaria de Saúde. O médico Miguel Sanchez Triana, porta-voz do grupo, agradeceu o acolhimento e prometeu: ‘Fiquem tranquilos, pois nós vamos trabalhar com muito amor e muita dedicação. Estamos muito felizes e emocionados’, declarou. O secretário Carlos Derman, saudou os profissionais e elogiou o sistema de saúde do país. ‘Precisamos que nos ensinem como reduzir a mortalidade para índices inferiores a dois dígitos. Cuba tem indicadores invejáveis em Saúde e Educação. Temos muito a aprender e compartilhar’, disse”.

“O que Ele Admira é a Ditadura”: objetos paradoxais e luta ideológica

No início desse trabalho definimos, a partir da teoria da Análise de Discurso, o funcionamento paradoxal dos objetos discursivos como um efeito das contradições de sentido produzidas pela luta ideológica. Como diz Pêcheux: “No terreno da linguagem, a luta ideológica de classes é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e frases, uma luta vital para cada uma das classes que se confrontam ao longo da história até o presente” (PÊCHEUX, 2011, p. 273).

A análise dos processos que significam a expressão “O que Ele Admira é a Ditadura” nos permite avançar nessa reflexão. Como demonstramos, esta expressão se caracteriza, na sua materialidade discursiva, por condensar na linguagem e na imagem processos discursivos que se inscrevem em memórias antagônicas: os sentidos das práticas escravistas inscritos como discurso da democracia e os sentidos das práticas de resistência, presentes como crítica social e apelo à mobilização política. Para interpretar as relações de força entre essas posições ideológicas recorreremos novamente a Pêcheux, quando define o funcionamento dos objetos discursivos paradoxais.

A singularidade dessas lutas de deslocamento ideológico, que ocorrem nos mais diversos movimentos populares, consiste na apreensão de objetos (constantemente contraditórios e ambíguos) paradoxais, que são, simultaneamente, idênticos em si mesmos e se comportam antagonicamente em relação a si mesmos [...]. Esses objetos



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

paradoxais (com o nome de Povo, Direito, Trabalho, Gênero, Vida, Ciência, Natureza, Paz, Liberdade) funcionam em relações de força móveis, em transformações confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis. (PÊCHEUX, 2011, p. 115).

Na luta ideológica em torno da expressão “O que Ele Admira é a Ditadura”, os sentidos que inferiorizam o socialismo em Cuba, historicamente naturalizados desde a Revolução Cubana, foram desestabilizados e ressignificados pelo acontecimento discursivo da aprovação da lei que institui o PMM.

Julgamos importante caracterizar a Revolução Cubana⁷: foi o primeiro movimento que conseguiu resultados positivos contra a hegemonia norte-americana no continente. Após a Guerra de Independência (1895-1898), Cuba tornou-se independente da Espanha. Desde então o país esteve muito ligado aos Estados Unidos. Até meados do século XX, não houve mudanças na estrutura econômica de Cuba. A economia continuava a ser agroexportadora baseada no latifúndio monocultor açucareiro, e a maior parte das terras passou a ser controlada pelo capital estrangeiro, assim como a quase totalidade do setor de serviços, inclusive a rede de turismo. O país tornava-se cada vez mais dependente em relação aos Estados Unidos. Sucediam-se governos repressivos, envolvidos em corrupção e crimes diversos. Essa situação permaneceu até 1952, quando Cuba era governada pelo ditador Fulgêncio Batista (presidente entre 1940-1944), apoiado pelos Estados Unidos. Chegou novamente ao poder em 1952, por um golpe, montando uma estrutura de governo autoritária e corrupta.

Durante o governo de Batista, começou a se organizar um grande movimento guerrilheiro nacionalista, liderado por Fidel Castro. A proposta política de Fidel era derrubar o ditador Batista e acabar com a corrupção. As ideias dos revolucionários conquistaram, sobretudo o apoio dos camponeses e operários, que sofriam com salários baixos, desemprego, falta de terra, doenças e analfabetismo. Em 1 de janeiro de 1959, comandados por Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Raul Castro, tomaram Havana e outras cidades importantes. Fulgêncio Batista e membros de seu governo abandonaram Havana. Os rebeldes dominaram Havana em 2 de janeiro de 1959. Um novo presidente assumiu, substituído depois por Fidel

⁷ Fonte: Site História Mais. Disponível em: <<http://www.historiamais.com/revolucaocubana.htm>>. Acessado em: 30 ago. 2015.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Castro, líder da Revolução. O novo governo tomou diversas medidas, entre as quais: reforma agrária, com a expropriação das grandes propriedades; nacionalização de empresas estrangeiras e dos setores-chave da economia, como combustíveis, sistema de comunicações e de energia elétrica (reduzindo as tarifas de imediato); reforma do ensino; para erradicar o analfabetismo, sendo a educação gratuita em todos os níveis. Medidas voltadas para a saúde pública, etc. Em 1961, Cuba optou pelo socialismo, contrariando os interesses norte-americanos.

A contestação pelos Jornais “Hora do Povo” e “Carta Maior” do enunciado “escravo” fez a denúncia do racismo e demais resistências ideológicas nele presentes e permitiu incorporar novos sentidos à circulação e à interpretação dessa designação, inscrevendo-a numa memória que a investiu de uma valoração ideológica positiva, interpretando-a como símbolo de uma memória de luta e resistência. Os sentidos que se (des)organizaram em torno do enunciado por efeito do acontecimento discursivo, mostram o funcionamento paradoxal dos objetos discursivos e seu investimento irrelutavelmente político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FONTAN-ZOPPI, M; CESTARI, M.J. “Cara de empregada doméstica”: discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>. Acessado em: 20 ago. 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.

_____. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, Eni (Org). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.

_____. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad: Eni P. de Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Lecture et mémoire: project de recherche. In: Maldidier, Denise *L'inquietude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, 1990.

_____. Ideologia: fortificação ou aprisionamento. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

VEJA. Rebelião na Galáxia Vermelha. Edição 1. São Paulo: Editora Abril, 11 de setembro de 1968, pg. 86-91. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acessado em: 30 ago. 2015.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>>. Acessado em: 30 ago. 2015.